

O psicodrama no desenvolvimento de papéis durante a adolescência

The psychodrama for the development of papers during adolescence

Marieli Mezari Vitali¹
Amanda Castro²
Viviane Oliveira Almeida³

Resumo: O Psicodrama de grupo pode se constituir como uma ferramenta de intervenção entre adolescentes proporcionando o desenvolvimento de novos papéis e as adequações dos projetos dramáticos, diante da mediação entre o real e o ideal. Participaram desse estudo 15 adolescentes com idades entre 18 e 21 anos. Os adolescentes participaram de 8 sessões de Psicodrama que ocorreram uma vez por semana. A partir da análise foi possível identificar que o Psicodrama de grupo contribui para o desenvolvimento de papéis e para a antecipação de informações e compromissos futuros, diminuindo a ansiedade do adolescente diante do desconhecido.

Palavras-chave: Psicodrama de grupo, adolescência, papéis.

Abstract: The group Psychodrama can be constituted as an intervention tool among adolescents encouraging the development of new roles and dramatic projects adjustments for the mediation between the real and the ideal. The study population consisted of 15 adolescents aged 18 to 21 years. Adolescents participated in 8 sessions of Psychodrama that occurred once a week. Based on the analysis was possible to identify that the group Psychodrama contributes to the development of roles and to anticipate information and future assignments, reducing anxiety adolescents facing the unknown.

Keywords: Group Psychodrama; adolescence; roles.

¹ Graduação em psicologia (UNESC); Mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia (UFSC).

² Professora (UNESC); Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia (UFSC).

³ Professora (UNISUL); Doutoranda na Universidade do Algarve (UALG - Portugal)

Introdução

Para a teoria sociodramática o sujeito se faz em meio coletivo e se realiza pelo desempenho de papéis na sociedade. No espaço terapêutico os adolescentes revivem em grupo limitações muito similares às enfrentadas na escola, na família e nos ambientes de convívio (Sordi, Marques, Sulbach, Pires & Kessletr, 2013). Por ser um trabalho grupal, aqueles que têm dificuldades no desempenho de algum papel podem na ação dramática realizar o treinamento de papéis, sendo ou não protagonista da sessão de Psicodrama (Sordi et al., 2013). O psicodrama é uma modalidade de psicoterapia de grupo em que se trabalha com um membro do grupo como protagonista na dramatização, seu drama individual se conecta ao coletivo e essa identificação possibilita a catarse (Nery, 2010).

Nem sempre os adolescentes estão dispostos a contar histórias, pois as mudanças que vivem os tornam inseguros e desconfiados. Por isso é importante dispor de outros meios para favorecer lhes a expressão como por exemplo, material de desenho e modelagem, jogos, almofadas e então, a partir de tais meios é possível sugerir a representação (Calvente, 1982). A experiência da adolescência foi observada por meio de dramatizações, jogos, brincadeiras, relações estabelecidas no grupo e a dramatização de temas escolhidos pelos adolescentes, como diálogo entre pais e filhos, namoro/‘ficar’, drogas, estudo/profissão e consciência/limites (Gonçalves & Gomes, 2013).

O sociodrama consiste no trabalho das relações intergrupais, com foco nos papéis sociais que os membros do grupo têm em comum (Nery, 2010). O grupo sociodramático com adolescentes se constitui como um espaço de expressão de sentimentos e percepções, pois os adolescentes podem compartilhar suas angústias, seus anseios e suas possibilidades no desempenho de papéis presentes no contexto dessa fase da vida (Castro & Almeida, 2016).

Muitas vezes o adolescente necessita de tempo para ajustar as novas aquisições e mudanças para realizar a transição entre o mundo infantil e o mundo adulto. As sessões de Psicodrama viabilizam tempo e espaço privilegiado para vivenciar na ação dramática os papéis que são desempenhados ao longo desta transição (Calvente, 1982).

A oportunidade de colocar-se no lugar do outro possibilita que o adolescente perceba o outro na relação, assim pode aceitá-lo e ter a chance de imitá-lo para posteriormente constituir

a própria identidade. Além disso, a inversão de papéis auxilia o adolescente a desenvolver suas potencialidades e criar a “possibilidade de uma relação de reciprocidade e mutualidade” (Martins & Luz, 2012, p. 139).

Assim, no contexto do Psicodrama de grupo, “é importante a valorização do potencial criativo para que o jovem adolescente possa encontrar possibilidades para encarar a vida a partir de uma reflexão de si mesmo” (Cunha & Bertussi, 2010, p. 163). Desse modo, o grupo com adolescentes se constitui como um espaço de expressão de sentimentos e percepções, em que os adolescentes podem compartilhar suas angústias, anseios e possibilidades no desempenho de papéis durante a transição para a vida adulta, além de possibilitar aos adolescentes a oportunidade de rematizar cenas vividas e relações conflituosas (Zakabi, 2016).

Para definir sua identidade o adolescente necessita se separar dos pais, que na infância estavam muito próximos. Para que isso ocorra se colocam em campos opostos, atacando os pais para desmitificá-los/desidealizá-los, para então, definir sua própria identidade (Beltani, Bazilio & Bezerra, 2014). Com base nisso, o psicodramatista não deve demonstrar uma conduta de exigência semelhante à dos pais, que pode ser interpretada como rejeição e impaciência pelo adolescente e gerar passividade e silêncio. Portanto, caso as dificuldades dos adolescentes não sejam muito graves é adequado colocá-los em grupo onde sentem-se protegidos entre os semelhantes e poderão trabalhar suas formas de relacionamento e seus conflitos individuais (Calvente, 1982).

No psicodrama com adolescentes é necessário levar em consideração as ambivalências e as angústias vividas nesta etapa do desenvolvimento para auxiliá-los a refletir de uma maneira diferente sobre o que está acontecendo e dar um sentido transformador à sua vida. O trabalho do psicodramatista com um grupo de adolescentes precisa levar em consideração os novos modelos que começam a aparecer no mundo do adolescente, desse modo, torna-se relevante a valorização do potencial criativo para que o jovem possa encarar a vida a partir de uma reflexão de si mesmo (Zakabi, 2016).

Assim, após serem experimentadas novas possibilidades e novos papéis que rompem com as ideias daquilo que se toma por verdade sobre o que é ser criança/adolescente/adulto, os adolescentes podem criar um sentido próprio para o seu ‘ser-aí’: ser-adolescente-presente

que vive o agora e tem experiências distintas e ao mesmo tempo comuns ao grupo (Nunes, 2017).

Desse modo, esta pesquisa-ação teve por objetivo desenvolver os papéis relativos ao núcleo familiar e universitário por meio do psicodrama de grupo.

O método

Este estudo foi composto por uma pesquisa qualitativa, na modalidade pesquisa-ação, tendo sua execução aceita pelo comitê de ética conforme parecer 1.485.364. Os participantes da pesquisa foram acessados a partir de indicações de pessoas do convívio social da pesquisadora através da técnica metodológica bola de neve (*snowball*). Assim, a população deste estudo foi constituída por 15 adolescentes com idades entre 18 e 21 anos, que não praticam atividades laborais ou que praticam por menos de 1 ano e que ingressaram ou estão ingressando em Universidades. A escolha dos participantes levou em consideração os principais aspectos que englobam o processo de transição para a vida adulta e o desempenho de novos papéis. Os adolescentes participaram de 8 sessões de Psicodrama que ocorreram uma vez por semana no período compreendido entre março e maio de 2016.

Os participantes foram contatados individualmente e convidados para participar das 8 sessões do Psicodrama de grupo. Foi explicitado o objetivo terapêutico com foco para a transição para a vida adulta, bem como os aspectos éticos que envolvem o sigilo e a participação facultativa. Após aceite dos participantes foi apresentado e discutido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As sessões foram realizadas em espaço cedido pela própria pesquisadora, em Florianópolis, em sala ampla e livre de ruídos. Com a combinação dos dias e horários das sessões (de aproximadamente 1h50min minutos) estas ocorreram semanalmente (uma vez por semana), totalizando 8 sessões das quais serão aqui discutidas as sessões 4 e 5, que correspondem ao objetivo desta pesquisa, ou seja, em que houve o foco no desenvolvimento de papéis na família e no ambiente universitário. As sessões serão analisadas a partir da literatura psicodramática.

Resultados

Participaram das sessões 10 mulheres e 5 homens. Os mesmos apresentaram idades que variam de 18 a 21 anos e a escolaridade varia entre Ensino Médio e Superior Completo. Quanto a profissões é possível destacar: ator (1), estudante (11), estagiário (1), cuidador (1) e analista (1). Foram realizados 2 encontros de psicodrama de grupo, descritos a seguir.

Sessão 4 – Quem sou eu com a minha família

Como forma de aquecimento inespecífico, a diretora solicitou que os membros do grupo caminhassem pelo espaço enquanto pensavam sobre a família. Em seguida pediu que tentassem tirar uma fotografia mental de sua família. Posteriormente, foi distribuído papel, lápis de cor, canetinhas, revistas, tesouras, cola e foi solicitado que tentassem representar a fotografia da família. Após 18 minutos ocorreu a finalização desta etapa, foi estimulado que cada um apresentasse a sua família e após a apresentação que se posicionassem atrás do desenho cujo relato mais houvessem se identificado, majoritariamente os participantes se posicionaram atrás do desenho de Helena (figura 1).



Figura 1: Desenho referente à fotografia mental da família de Carla
[Fonte: Elaboração de Helena em sessão de psicodrama]

No desenho é possível perceber que a mãe consta como elemento menor e que apenas o pai possui corpo. Ao falar sobre o desenho Helena destacou aspectos concernentes à

liberdade de ação, dificuldades relacionais com a mãe, necessidade de aceite de opinião e saída do contexto infantil. Tais aspectos possivelmente estão presentes na forma como os papéis atuais são desempenhados, afetando também os projetos futuros da adolescente. Com o aceite de Helena deu-se início o aquecimento específico.

A diretora pediu que a protagonista continuasse falando acerca da relação com a sua mãe. A protagonista aponta que a mãe não a reconhece, não a valoriza e a trata como uma criança. A diretora pede que descreva uma situação em que tenha se sentido assim. Assim, a protagonista descreve detalhes cênicos, como a posição da janela e em seguida relata a seguinte situação:

Minha mãe está em casa na sala, eu cheguei, larguei a mochila, mal me virei e ela começou a falar que eu tinha que ter chego mais cedo pra ficar com meu irmão pequeno. Eu digo que vim direto e ela fica dizendo que sou irresponsável, que não faço as coisas que ela pede, que sou pior que meu irmão (sic).

Em seguida deu-se início a dramatização.

Após o relato cênico a diretora solicitou que a protagonista escolhesse dois egos auxiliares para representarem ela e a mãe. Após a montagem dos objetos da cena com as almofadas, solicitou que a protagonista demonstrasse na cena como foi sua chegada em casa. A protagonista chega, joga à mochila num canto e a diretora pede um solilóquio: “*O que eu estou pensando agora?*” A protagonista diz estar cansada e já imaginar que a mãe iria brigar por conta do seu atraso. Em seguida a diretora pede que a protagonista assuma o papel da mãe e que demonstre as palavras e ações em cena com o ego auxiliar em seu papel.

No papel da mãe, Helena disse:

Menina tá me escutando? Que hora é essa de chegar, você saber que precisa ficar com seu irmão, que eu preciso trabalhar, não tem responsabilidade nenhuma, não posso contar com você, parece menor que seu irmão, ele me dá menos trabalho que você (sic).

A diretora então pede que Helena assuma seu papel e solicita que o ego auxiliar repita o que foi dito pela protagonista no papel da mãe. Helena então discute com a mãe dizendo que

não tem culpa alguma e que não pediu para ter um irmão. Mais uma vez a diretora solicita a troca de papel e solicita à Helena no papel de mãe que responda à filha que afirma não ter pedido o irmão. Helena no papel da mãe responde: “*Eu também não pedi pra ser sua mãe e sou, agora você precisa me ajudar, eu tô sozinha aqui, não tenho ninguém pra dar uma mão, só você*” (sic). A diretora pede que Helena retome seu papel e o ego auxiliar repete o que foi dito pela mãe anteriormente. Nesse momento parte dos jovens se emociona e igualmente, a protagonista.

Então, Helena afirma que quer poder ficar até mais tarde no seu curso, conversar com os colegas sem ter medo do que vai acontecer quando chegar. Logo após, sob orientação e estímulo da diretora a protagonista assume o papel de mãe e responde: “*Eu também adoraria ficar conversando com meus amigos, mas não posso, porque eu tenho filhos, a gente cresce*” (sic). Retomando o seu papel e ouvindo a frase repetida pelo ego auxiliar Helena se emociona e afirma: “*Os filhos não são meus, são seus, eu já tenho as minhas coisas pra resolver e nem dou conta*” (sic).

A diretora dispensa temporariamente os egos auxiliares e pede que a protagonista demonstre com as almofadas cada atribuição pessoal que possui. Helena escolhe almofadas medianas para representar provas, trabalhos de aulas, cursos de dança, dificuldades relacionais, aspectos inerentes ao papel de namorada e por fim uma almofada grande para representar cuidar do irmão e da casa. A diretora pergunta como a protagonista se sente nesse momento e a mesma responde que está cansada. A fim de clarificar os sentimentos, a diretora faz um duplo e concomitantemente utiliza o recurso do preenchimento de lacunas e diz: “*Eu estou cansada, não aguento mais e me sinto...*” A protagonista completa: “*incapaz*”.

A protagonista diz que gostaria que fosse de outro jeito. Então a diretora chama o ego auxiliar para retomar o papel de mãe e pede que a protagonista, juntamente com as almofadas nos braços mostre como seria esse outro jeito. A protagonista pega a almofada grande e devolve à mãe. A diretora solicita a troca de papéis e com Helena no papel da mãe a diretora questiona: “*Como tá para a senhora segurar isso tudo?*” Ainda no papel de mãe a protagonista diz estar cansada, que tem muita coisa para fazer, que não vai dar conta e que precisa da filha. A diretora solicita a retomada do papel de filha e pergunta à protagonista como é ouvir isso de sua mãe. A protagonista diz que é bom, que não quer deixar a mãe com todas as tarefas sozinha, mas que não quer ser como ela e fazer as mesmas escolhas.

A diretora solicita novamente a troca de papel e pede que Helena no papel da mãe fale com essa filha que deseja ajudar, mas que tem medo de assumir compromissos como a mãe assumiu. A protagonista no papel da mãe diz: *“Eu só preciso de ajuda, você não precisa ter filhos, você não precisa casar, mas eu preciso de ti agora”* (sic). A diretora solicita a retomada do papel de filha e após a repetição da fala por parte do ego-auxiliar no papel de mãe, a protagonista se emociona e a diretora pergunta como a protagonista gostaria de encerrar a cena. A mesma larga a almofada referentes à um grupo de estudo e diz *“Pra ter mais tempo com os amigos”* (sic) e ri. Divide a almofada grande com a mãe, referente aos trabalhos de casa e cuidado do irmão.

Para concluir a sessão, foi solicitado que os membros do grupo compartilhassem experiências e sentimentos pessoais que emergiram ao longo da dramatização. A maioria dos jovens destacou perspectivas acerca do ajudar/não ajudar nas atividades do lar, com destaque para desconstrução do papel clássico da mulher, vinculado às tarefas domésticas e ao papel de mulher e mãe. Surge também a crítica ao papel masculino que culturalmente é tido como isento das responsabilidades domésticas. Por um lado, é destacada a necessidade de compartilhamento de experiências e de tarefas e por outro lado são resgatados o papel de adulto e a pressão em relação à possibilidade de acertos nesse papel.

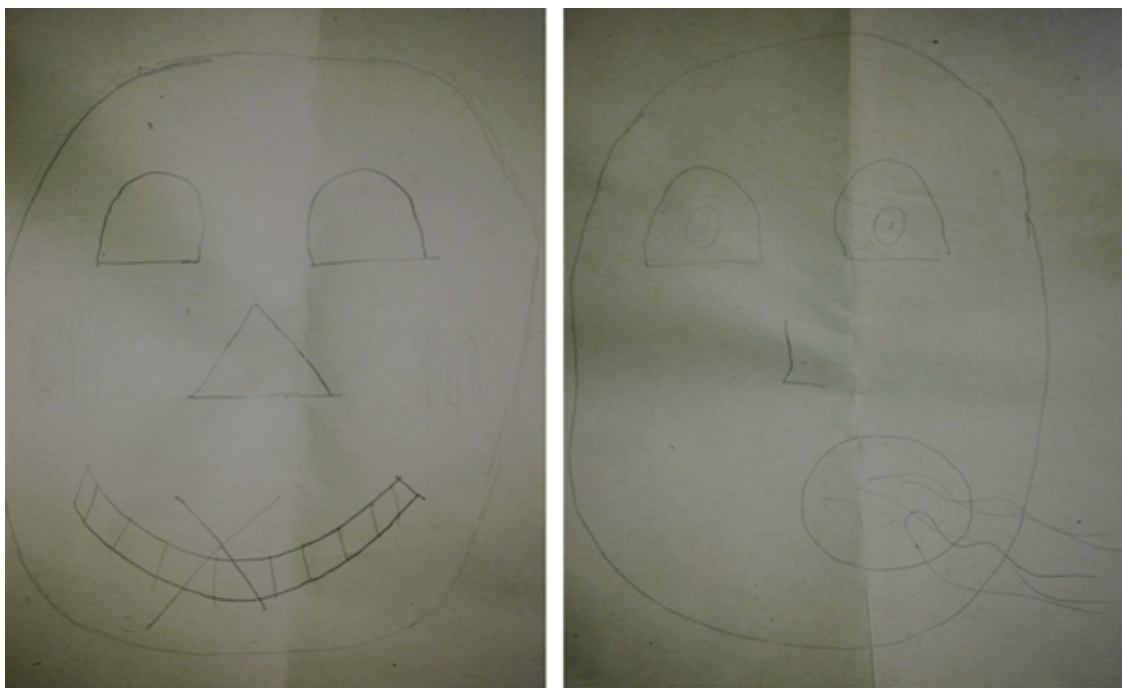
Sessão 5 - Quem sou/serei eu na Universidade

Com o auxílio de uma trilha sonora instrumental e com sons de gaivotas a diretora solicitou que os jovens fechassem os olhos sentissem a música, fossem se sentindo como pássaros, se imaginando como gaivotas e foi conduzindo a pensar sobre cada parte da ave. Posteriormente solicitou que como gaivotas, abrissem os olhos e que em câmera lenta comesçassem a voar, sentindo o vento no rosto (a diretora usou ventiladores no ambiente) e a sensação de liberdade. Foi direcionando o voo que deveria ocorrer em câmera lenta. Então, solicitou que sobrevoassem a Universidade e que pudessem vê-la pequena, se preparando para o pouso, sentindo o vento no rosto diminuindo (foi utilizado o recurso do ventilador).

Ao cessar a música foram convidados a sentarem-se e foram distribuídas folhas, lápis e canetas coloridas, sobre a consigna de que deveriam desenhar a máscara que usam ou que pensam que usarão na Universidade, diante das expectativas e para melhor se relacionarem e se adequarem ao ambiente. Após cerca de 15 minutos foi solicitado que virassem a folha e

que do outro lado escrevessem ou desenhassem o que se esconde atrás da máscara, o que não se mostra. Terminados os desenhos, a diretora pediu que cada um falasse de sua máscara e daquilo que há por trás da máscara. Diante da escolha da máscara com a qual mais se identificou o grupo majoritariamente se dispôs atrás do desenho de Carla.

Os medos compartilhados pelos adolescentes envolveram majoritariamente a máscara usada na Universidade. Medo de falar, medo de passar vergonha e medo de não ter amizades. Nesse contexto a máscara e a fala de Carla imprimem a máscara do silêncio e a necessidade de falar o que se pensa.



Figuras 2 e 3: Máscara e o que há por detrás da máscara

[Fonte: Produção de Carla em sessão de Psicodrama]

Na figura 2 a primeira máscara se apresenta sem olhos, sem nariz e sem boca; e na segunda com olhos, nariz e boca aberta. Em sua fala, bem como por meio do desenho da máscara na figura 3 é possível identificar que o conflito de Carla envolve o embotamento e o sentimento de inexistência na sala de aula, com o silenciamento no contexto da universidade, silenciamento inexistente anteriormente, quando estava no Ensino Médio.

A diretora pediu que a protagonista falasse sobre a máscara e seus contextos de utilização. A protagonista então diz que utiliza a máscara principalmente na sala de aula e começa a relatar uma cena. Sob orientação da diretora inicia a construção do espaço

universitário com almofadas, dispendo carteiras e quadros. Posteriormente, escolhe um colega para fazer o papel do professor que não a enxerga e duas colegas para ficarem no papel das alunas que falam demais e interrompem a aula.

Na cena abordada pela protagonista estão presentes um professor de Política que não presta a atenção na protagonista, na carteira do lado esquerdo uma aluna que faz a segunda graduação e sempre fala em aula, do lado direito a protagonista e atrás dela uma aluna que fica reclamando baixinho. A protagonista esclarece que o professor fica dando aula, sem perceber que a mesma deseja falar. A diretora pede que Carla assuma o papel da colega à esquerda. Durante o andamento da aula, no papel da colega a protagonista faz diferentes comentários, buscando a atenção do professor. Em seguida assume o papel da colega de trás e fica reclamando baixinho sobre a outra aluna monopolizar a aula. Após aquecer os egos auxiliares com a troca de papel feita pela protagonista a diretora pede o prosseguimento da cena. Nesse contexto, todos os egos auxiliares em cena estão falando sem olhar para a protagonista, o professor dá aula, uma aluna fica perguntando, outra fica reclamando e a protagonista em silêncio. A diretora questiona como a protagonista está se sentindo e ela diz que “dá vontade de mandar calar a boca todo mundo” (sic). Nesse momento torna-se perceptível o que estava escondido por trás da máscara: alguém que deseja falar, mas que é calada.

Visando à amplificação dos sentimentos a diretora posiciona todos os egos auxiliares falando sem parar ao redor da protagonista que chora intensamente. Então a diretora faz um duplo dizendo: “Ei, eu estou aqui, ninguém me nota, me sinto um nada”. A protagonista diz: “Ninguém me escuta” (sic). A diretora questiona em que outro momento da vida se sentiu assim. A protagonista responde: “Com meu pai, quando a gente discute, não é um momento, são vários” (sic). Assim a protagonista se remete à cena nuclear.

A protagonista escolheu o adolescente mais alto para representar seu pai e outra adolescente para fazer o papel de Carla. Carla realizou troca de papel com cada um deles para exemplificar a forma como agem os personagens, bem como o contexto da discussão. Assim, no papel de pai disse e no papel de filha ouviu a seguinte afirmação: “Eu sei o que tô falando, tu não tem razão, eu sou teu pai, fica quieta, tu não sabes o que diz” (sic). No papel de filha Carla responde gritando e chorando: “O pai nunca me escuta, eu também tenho razão, eu posso estar certa, o pai me faz sentir um nada” (sic). A diretora então sugere: “Seja um nada,

mostra com teu corpo o que é ser o nada”. Carla se encolhe fica em posição fetal, a diretora pede um solilóquio e Carla diz: “*Só porque tu é mais velho... Tu não sabe de tudo*” (sic).

A diretora solicita que o ego auxiliar no lugar de pai continue repetindo as frases e mandando que a protagonista fique quieta. Com o adolescente alto e em pé e com a protagonista em posição fetal, chorando, a diretora pede um solilóquio e Carla diz: “*Ele me vê como uma criança pequena, não sei nada, só ele tem razão*” (sic). Para retirar a protagonista do estado de passividade a diretora questiona quem poderia ajudá-la nesse momento a se sentir mais segura e se sentir grande e a protagonista indica o namorado, a irmã mais nova e a própria diretora.

Após nomear os egos auxiliares para esses papéis a protagonista posiciona a irmã do lado direito, o namorado do lado esquerdo, a diretora em sua frente e todos em pé. A diretora pede que a protagonista, agora grande, diga tudo que ficou represado porque ela era um nada, uma criança pequena. A protagonista diz gritando e chorando: “*Eu não aguento mais pai, tu tem que me ouvir, eu não sou um nada pra ti, parece que sou pequena ainda. Por que tu preferes a minha irmã do que eu?*” (sic). A diretora faz um duplo dizendo: “*Eu queria que o senhor me notasse, que o senhor me ouvisse, respeitasse, queria que o senhor gostasse de mim*”. A protagonista balança a cabeça afirmativamente e em seguida a diretora solicita a inversão de papéis e Carla no papel do pai, instigada pela diretora diz: “*Tu falas demais, discute, a tua irmã vai chorar no quarto dela, tu não é um nada mas...*” (sic) A diretora repete : *mas...*” E a protagonista no papel do pai diz: “*mas tu não me respeita, tu quer ser adulta a dona da razão*” (sic). De volta a seu papel a protagonista diz estar se tornando adulta, que não tem mais a mesma proximidade com o pai que tinha antes e diz para o pai “*Eu te amo pai, mas eu vou continuar crescendo* (sic).” Ao ser questionada sobre como gostaria de se despedir do pai, Carla o abraça.

A diretora convida Carla para voltar à cena da sala de aula. Ao repetir a cena Carla se levanta da cadeira e diz gritando para as colegas pararem de interromper a aula, que ela não consegue entender o professor. Em seguida diz para o professor que ela também tem dúvidas e que ela levantou a mão para falar e encerra a cena deste modo. Portanto, ao tomar contato com seus fantasmas internos Carla no papel de adulta conseguiu sair da passividade do papel de criança pequena.

Em seu compartilhar a maioria dos jovens destacou perspectivas acerca das relações com o pai, com destaque para momentos de discussão, vinculado à necessidade de respeito e à momentos de introspecção, sem revide. Surge também a ideia da saída de casa, apresentando o casamento como fator que transforma o adolescente em adulto respeitado e como algo temido pelos pais. Por um lado, a universidade é descrita como ambiente hostil, em que professores são mais distantes e a amizade é difícil de ser constituída, por outro lado a infância é tida como momento ideal para relações de amizade.

Discussão

A sessão de psicodrama é dividida em aquecimento inespecífico, aquecimento específico, dramatização e compartilhamento. O aquecimento procura chegar ao conflito que preocupa ao grupo naquele momento, o que exige certo tempo de investigação das atitudes de cada um dos membros do grupo (Bustos, 1982), por isso optou-se por estratégias de aquecimento que levassem cada membro a refletir sobre seus conflitos e compartilhá-los com o grupo.

O uso da fotografia como estratégia de aquecimento para evocação de cenas familiares foi relevante, tendo em vista que conforme Cukier (1992), muitas vezes os participantes se lembram de fatos, por conta de alguma expressão ou de alguém que surge na foto mental, permitindo a exploração dos aspectos que envolvem as lembranças.

Na sessão com Helena optou-se por um aquecimento que envolvesse a foto da família, tendo em vista que a família compõe o “Átomo social”, o local onde o sujeito está inserido ao nascer e corresponde à “placenta social”, ou seja, o *locus* onde desempenha os primeiros papéis e estabelece suas primeiras relações vinculares. Papéis podem ser compreendidos como uma parte assumida por um ator ou uma então uma função que se assume na realidade social, portanto, tais papéis citados correspondem às formas que o Ego, o Eu, o *Self* adota na interação com o outro (Moreno, 2010).

Ao assumir o papel da mãe Helena consegue rever a complementariedade de papéis, tendo em vista que não era o papel de filha que incomodava Carla, mas o papel de mulher, tal qual a conserva cultural materna demonstrava. Isso foi possível, pois a inversão de papéis

propicia que o retorno da energia investida em relação ao papel complementar e isso faz com que o protagonista possa experimentar posturas e observar suas ações sob pontos de vistas diversos (Moreno, 1962).

O mesmo ocorre com Carla, ao inverter o papel com o pai e perceber que lugar ele lhe dava (como criança) e o lugar desejado (adulto). É possível perceber que a técnica da inversão de papéis amplia as consciências de si, do outro e da sociedade, libertando opressões e repressões. Tal técnica torna-se ainda mais relevante no contexto da adolescência tardia, tendo em vista a eminência do temido papel de adulto (Nery, 2011).

Ao utilizar da técnica da concretização com as almofadas, Helena percebe suas inúmeras atribuições, identificando os sentimentos associados a ela. Alves (2011) esclarece que uma criança que more em ambientes sem interação, em que a ênfase esteja na tarefa a ser cumprida, terá um repertório pequeno de opções sentimentais. Nesse contexto, sobre o que sente, o protagonista saberá apenas responder: “estou cansado” ou “estou bem” (Alves, 2011).

Ao se darem conta de que há uma nova forma de desempenhar o papel de filha, Carla e Helena saem da relação transferencial e ampliam a tele em relação aos pais. Nesse sentido, Nery (2011) esclarece que na experiência do “então te olharei com teus olhos e tu me olharás com os meus” é possível sentir o preenchimento do vazio, o alívio da falta e viabiliza encontrar um lugar confortável nesse vínculo, ampliando a sensação de ser alguém, de existir e de estar com alguém, produzir bem-estar coletivo: a mágica da cocriação. O processo cocriativo nesse caso oportunizou as cenas reparatórias, que corresponde ao momento da dramatização em que um papel imaginário conservado se torna um papel psicodramático espontâneo e criativo (Oliveira, 2013).

Helena traz a ideia de um papel cristalizado de mulher, enquanto para Carla o silêncio na cena surge para evocar o silenciamento vivido em cena regressiva. A situação conflitiva do protagonista pode se relacionar ao drama de uma criança que teve autoestima e dignidade feridas. Nesse contexto, o processo terapêutico consiste em compreender a dor e as promessas que esta criança fez para si mesma quando alcançasse a vida adulta (Cukier, 1998). Assim, a criança ao nascer entra em um conjunto formado inicialmente por sua família, que apresenta as condições iniciais para o desenvolvimento, propiciando a constituição de expectativas em relação ao papel que ela desempenha e que virá a desempenhar, se espelhando nos papéis com os quais se vinculou ou realizando os feitos em que os adultos fracassaram (Moreno, 2010).

Nesse sentido, o Psicodrama de grupo pode auxiliar no fortalecimento de vínculos familiares ao clarificar os papéis desempenhados no contexto familiar, principalmente por meio da inversão de papéis, em que ao experimentar o papel dos pais muda-se a relação de vítima e algoz, para uma relação dialética de crescimento mútuo. Assim, conforme Perazzo (2010) ao se buscar o status *nascendi* da transferência por meio de uma realidade suplementar, possibilita-se um novo modelo relacional.

A busca pelo lócus se deu também na sessão com Carla, por meio da utilização da máscara. Nesse momento, a diretora busca localizar o lócus, o status *nascendi* e a matriz, ou seja, localizar a origem do conflito, do que este se alimenta e quais fatores presentes e passados que nutrem essa conduta e esse conflito (Bustos, 1982). As máscaras são incorporadas a partir da rotulação de padrões pré-determinados pela sociedade, em que o sujeito se coloca em uma situação de impedimento de expressar sua verdadeira essência, desenvolvendo uma espécie de barreira e omitindo valores e sentimentos que a sociedade não legitima (Oliveira, 2013).

Na adolescência, para se associar à contextos sociais e vincular à grupos, o indivíduo tende a utilizar máscaras, ocultando aspectos não valorizados e demonstrando valores distintos dos seus (Benelli, 2013). Contudo, a máscara também pode indicar um ato criativo, concebida para lutar diante de adversidades (Holmes & Karp, 1992) e nesse contexto, o silenciamento de Carla pode representar uma solução espontânea, que se tornou conservadora e posteriormente veio a ser inadequada para o contexto universitário. No contexto do psicodrama com adolescentes, a máscara pode cobrir um ferimento, e se os adolescentes aprenderem a mostrar o ferimento, este cicatrizará e os papéis atrofiados poderão florescer novamente por meio da dramatização, a cena de Carla em sala de aula demonstrou que sua máscara representava um papel cristalizado, “amarrando” a protagonista (Holmes & Karp, 1992).

Após encarar a origem do conflito, Carla retorna à sala de aula e consegue enfrentar a situação. Afirma Bustos (2005) que uma pessoa que é atacada por fantasmas internos tem de colocar toda sua energia a serviço dessa luta estéril consigo mesma e ao liberar a energia consegue colocá-la a serviço da busca de mudança de um meio social em que já não se sinta alheia, no caso de Carla, a sala de aula.

No momento de compartilhamento, surge que na adolescência tardia, momentos de discussão e de questionamento sobre a dualidade entre responsabilidade e irresponsabilidade são recorrentes, sendo que o adolescente deseja reconhecimento de suas opiniões e oportunidade para expressá-las. Da mesma forma em que desejam o reconhecimento e o respeito na condição de adultos sentem falta da espontaneidade no estabelecimento de relações de amizade na infância, o que faz com que a Universidade seja vista como um ambiente hostil. Desse modo entrar no mundo dos adultos – desejado e temido – significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança (Aberastury & Knobelm, 1981). As mudanças psicológicas que se produzem neste período, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. Neste período enfrenta situações ora de dependência e ora de independência extrema e só a maturidade lhe possibilitará, posteriormente, aceitar ser independente dentro de um limiar de necessária dependência. É um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, constituído por fricções com o meio familiar e social (Aberastury & Nobel, 1981). Nesse período o Psicodrama de grupo surge como alternativa terapêutica para que por meio da ação seja possível rematizar uma cena do passado e construir relações télicas no presente, tendo em vista que por meio de relações saudáveis torna-se possível vivenciar de forma branda a transição para a vida adulta.

Por meio das sessões foi possível perceber a presença de papéis cristalizados. Nesse contexto, a cristalização de papéis se associa com a ausência da tele e a presença da transferência nas relações (Ramalho, 2009). Assim, Helena, não consegue desempenhar seu papel de filha, pois na complementariedade de papel sua mãe mantém rígida a conserva cultural sobre o que é ser mulher, ou seja, como se o desempenho das tarefas domésticas fosse algo determinado por gênero. Na cena psicodramática, Helena entende a conserva da mãe e Carla compreende que transferencialmente o pai espera dela o comportamento infantil. Isso faz com que, na inversão de papéis esta consiga desenvolver a tele, ou seja, a empatia em mútua direção. Assim, por meio do exercício da espontaneidade as participantes conseguiram objetivar as singularidades dispersas, o que traz uma ampliação da tele (Ramalho, 2009).

Considerações Finais

O adolescente é um ser humano que está em fase de crescimento e evolução a fim de atingir uma maturidade biopsicossocial. Nesse sentido a opinião da família e o apoio dos amigos tornam-se relevantes, entretanto concomitantemente, o adolescente sente a necessidade de colocar em prática a criatividade e para alcançar o ato criador é preciso ser espontâneo, contudo para que haja a espontaneidade é necessário tomar conhecimento de si mesmo. Nesse contexto, o psicodrama de grupo surge como meio de alcance desse autoconhecimento para os adolescentes, propiciando fortalecimento e segurança na relação entre pares, auxiliando na identificação do eu-tu na relação e percebendo a influência que esse tu tem no eu.

Referências Bibliográficas

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Alves, L. F. (2011). Sentimentos no Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 19(1), 147-152.
- Beltani, B. G., Bazilio, J. A. S., & Bezerra, P. F. C. (2014). *Levantamento da desistência dos atendimentos dos adolescentes no Serviço-Escola do curso de Psicologia do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Lins*. Monografia, Graduação em Psicologia, Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, Brasil.
- Benelli, S. J. (2013). Apontamentos sobre as práticas psicológicas desenvolvidas nas entidades assistenciais que atendem a crianças e adolescentes pobres. *Revista de Psicologia da UNESP*, 12(2), 1-30.
- Bustos, D. M. (1982). *O Psicodrama: aplicações da técnica psicodramática*. São Paulo: Editora Agora.
- _____ (2005). *O Psicodrama: aplicações da técnica psicodramática*. São Paulo: Editora Agora. (Obra original publicada em 1982).

- Calvente, C. (1982). Psicodrama em adolescentes. In D. M. Bustos. (Org.), *O Psicodrama: aplicações da técnica psicodramática* (pp. 207-223). São Paulo: Ágora.
- Camargo, L. (2006). *Orientação Profissional Uma Experiência Psicodramática*. São Paulo: Ágora.
- Castro, A., & Almeida, V. O. (2016). Contribuições do Psicodrama de Grupo para a minimização de conflitos durante a transição para a vida adulta. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, 15, 70-75.
- Cukier, R. (1992). *Psicodrama Bipessoal: Sua técnica, seu terapeuta e seu paciente*. São Paulo: Ágora.
- _____. (1998). *Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto*. Editora Agora.
- Cunha, A. M. A. L., & Bertussi, M. (2010). Adolescência, juventude: a experiência clínica. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 18(2), 159-170.
- Dias, V. R. S. (1987). *Psicodrama: teoria e prática*. São Paulo: Ágora.
- Gonçalves, C. S. (1998). Técnicas básicas, duplo, espelho e inversão de papéis. In R. F. Monteiro (Org.). *Técnicas fundamentais do Psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Gonçalves, Y. D. N., & Gomes, A. M. D. A. (2013). Sociodrama com adolescentes: revelações para o cuidar em saúde. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(2), 41-52.
- Holmes, P., & Karp, M. (1992). *Psicodrama-Inspiração e técnica*. São Paulo: Ágora.
- Manaia, M. M. C., Medeiros, A. P., Gonçalves-dos-Santos, G. A., & Melo, S. L. L. (2013). Carta aos pais: uma estratégia de comunicação dos filhos sobre a escolha da carreira. *Revista da SPAGESP*, 14(2), 19-38.
- Martins, A. D. F., & Luz, I. R. D. (2012). Um diálogo sobre a construção da capacidade simbólica do ser humano a partir das teorias de Moreno e Winnicott. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 20(1), 135-154.
- Massaro, G. (1996). *Esboço para uma Teoria da Cena*. São Paulo: Ágora.
- Moreno, J.L. (1962). *Fundamentos de la Sociometría*. Buenos Aires: Paidós.
- _____. (2010). *Psicodrama*. São Paulo: Editora Cultrix. (Obra original publicada em 1975).
- Nery, M. P. (2010). *Grupos e Intervenção em Conflitos*. São Paulo: Ágora.
- _____. (2011). Psicodrama e amor. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 19, 35-48.
- Oliveira, M. M. T. (2013). O Poder da máscara no Psicodrama: a sombra e a luz. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 183-191.

Nunes, C. C. (2017). *Psicodrama com Crianças na Vila Santa Anita*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Perazzo, S. (2010). *Psicodrama: o forro e o avesso*. São Paulo: Ágora.

Ramalho, C. M. R. (2009). Resgatando o arquétipo do palhaço no psicodrama. *Psicologia em Foco*, 2(1), 22-38.

Sordi, R. O., Marques, F. M., Sulzbach, S. L. F., Pires, R. B., & Kessler, C. H. (2013). Tratamento grupal psicopedagógico e as cenas temidas na aprendizagem de crianças e adolescentes. *Estilos clínicos*, 18, 490-507.

Zakabi, D. (2016). Sociodrama de projeção para o futuro com jovens assentados: encontros e despedidas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 24(1), 44-51.

Submetido em julho de 2018

Aceito em março de 2019